



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO ACADÊMICO PAULO FREIRE
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

GERCIMARA MARQUES DE OLIVEIRA

OS DESAFIOS MORAIS DA ERA DIGITAL E A ÉTICA DO CUIDADO

**CAMPINA GRANDE
2024**

GERCIMARA MARQUES DE OLIVEIRA

OS DESAFIOS MORAIS DA ERA DIGITAL E A ÉTICA DO CUIDADO

Trabalho de Conclusão de Curso
(Artigo) apresentado ao
Departamento de Filosofia da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciatura em Filosofia.

Orientadora: Profa. Dra. Eugênia Ribeiro Teles.

**CAMPINA GRANDE
2024**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48d Oliveira, Gercimara Marques de.
Os desafios morais da era digital e a ética do cuidado[manuscrito] /
Gercimara Marques de Oliveira. - 2024.
26 f. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia)
- Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2024.
"Orientação : Prof. Dra. Eugênia Ribeiro Teles, Departamento de
Filosofia - CEDUC".

1. Redes sociais. 2. Conduta ética. 3. Ética do cuidado. I. Título
21. ed. CDD 111.85

GERCIMARA MARQUES DE OLIVEIRA

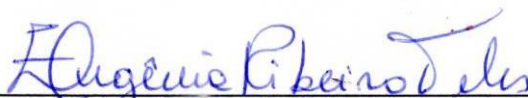
OS DESAFIOS MORAIS DA ERA DIGITAL E A ÉTICA DO CUIDADO

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento de Filosofia
da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do título
de Licenciatura em Filosofia.

Área de concentração: Ética

Aprovada em: 22 / 11 / 2024 .

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Eugênia Ribeiro Teles (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Gilmara Coutinho Pereira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	04
2	OS ASPECTOS QUE ENVOLVEM O USO DAS REDES SOCIAIS	06
2.1	O problema da exposição excessiva	08
2.2	Privacidade	10
2.3	Efeitos causados pelo ponto de vista alheio	11
2.4	Crise de identidade e a falta de autoconhecimento	12
<i>2.4.1</i>	<i>Falta do autoconhecimento</i>	<i>13</i>
3	UMA ÉTICA DO CUIDADO PARA O AGIR NAS REDES SOCIAIS.....	15
4	CONCLUSÃO	22
	REFERÊNCIAS	23

OS DESAFIOS MORAIS DA ERA DIGITAL E A ÉTICA DO CUIDADO

THE MORAL CHALLENGES OF THE DIGITAL AGE AND THE ETHICS OF CARE

*Gercimara Marques de Oliveira**

RESUMO

Resumo

O presente estudo denota os dilemas éticos ocorridos no uso excessivo das redes sociais e faz uma reflexão sobre a importância de uma conduta ética apropriada nas interações dos usuários. A escolha do tema partiu da premissa de ressaltar a importância das relações sociais, mediante ao crescente avanço da tecnologia que atualmente está impactando a sociedade contemporânea. Essa reflexão se justifica à medida em que houve um aumento no número de pessoas conectadas nas redes sociais em todo o mundo e com isso surgem uma gama de desafios a serem enfrentados, dentre os quais estão os efeitos que a opinião dos outros causam em quem se expõe nas redes sociais, o que denominamos de “ponto de vista alheio”. Esse problema é decorrente de outro que é a exposição excessiva. A hiperexposição tem como uma de suas consequências a crise de identidade sofrida por muitos que vivem conectados às redes, levando a uma falta de autoconhecimento. Esse artigo tem como base em pesquisas bibliográficas de obras e teorias de autores conceituados no assunto, tais como Byung-Chul Han. Diante desses problemas, cogita-se uma alternativa baseada na Ética do Cuidado como base das ações no meio virtual, buscando promover a empatia e o respeito às vulnerabilidades dos usuários. Essa abordagem pode auxiliar na construção de interações mais humanizadas e seguras nas redes sociais, promovendo um ambiente de respeito e de apoio mútuo que visa ao bem-estar coletivo.

Palavras-Chave: redes sociais; conduta ética; danos; ética do cuidado.

ABSTRACT

This study highlights the ethical dilemmas arising from the excessive use of social media and reflects on the importance of appropriate ethical conduct in user

* Discente do curso de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. E-mail: gercimara.oliveira@gmail.com

interactions. The choice of this theme stems from the premise of emphasizing the importance of social relationships, given the growing advancement of technology that is currently impacting contemporary society. This reflection is justified by the increase in the number of people connected to social media worldwide, which brings with it a range of challenges to be faced, among which are the effects that others' opinions have on those who expose themselves on social media, a phenomenon referred to as the "point of view of others." This problem arises from another, which is excessive exposure. Hyper-exposure has as one of its consequences the identity crisis suffered by many who live connected to social networks, leading to a lack of self-knowledge. This article is based on bibliographical research from works and theories by renowned authors on the subject, such as Byung-Chul Han. In light of these issues, an alternative is considered, based on the Ethics of Care as the foundation for actions in the virtual realm, aiming to promote empathy and respect for the vulnerabilities of users. This approach can help in the creation of more humanized and secure interactions on social media, fostering an environment of respect and mutual support aimed at collective well-being.

Keywords: social media; ethical conduct; harm; ethics of care.

1 INTRODUÇÃO

A internet nasceu em 1969 e seu acesso popular no Brasil se deu por volta de 1994. A intensidade dos seus avanços tem se dado de forma muito rápida e muitos governos em todo o mundo têm investido cada vez mais em fornecer internet à população devido aos pontos positivos como educação, saúde, conexão social, desenvolvimento profissional, entretenimento, dentre outros. Porém, mesmo com tantos impactos positivos que a internet traz, os pontos negativos não passam despercebidos. Nesse aspecto específico, os danos que a internet pode causar, motivam pesquisas em várias áreas do conhecimento, principalmente na área da saúde.

A título de exemplo, podemos destacar um estudo realizado e publicado através de uma parceria entre a empresa de marketing *We Are Social* e o *Meltwater*, um *software* de inteligência de mídia e de monitoramento social, essa pesquisa divulgada sob o título **Digital 2024 Global Overview Report** (Relatório Digital Global de 2024), encontramos um dado bastante interessante, foi divulgado que “os brasileiros ocupam o segundo lugar em tempo diário *online*, com os internautas do país gastando uma média de 9 horas e 13 minutos por dia usando a internet.”¹ Além disso, o Brasil também aparece em terceiro lugar mundial no tempo gasto em redes sociais, com os usuários dedicando em média 3h37 diariamente. Os brasileiros ocupam ainda a quinta posição no uso do Instagram. O País também ocupa a quinta posição em termos de percentual de população que utiliza o Instagram, com 78% dos brasileiros adultos na plataforma. Levando-se em conta que é um tempo bastante considerável na internet, em relação à outras atividades diárias, e visto que essa não é uma atividade natural do ser humano, conseqüentemente temos um aumento de decorrências negativas tanto psicológicas como físicas devido ao mau uso da

¹ <https://wearesocial.com/uk/blog/2024/01/digital-2024-5-billion-social-media-users/> Acessado em: 18, nov. 2024.

internet. Marleide de Oliveira, neuropsicóloga do Hospital de Saúde Mental, alerta sobre os possíveis adoecimentos a partir do uso desenfreado de redes sociais. Em uma entrevista para a Secretaria de Saúde do Estado do Ceará (2023), ela diz que;

Entre as consequências, temos a **ansiedade**, a **depressão**, a **sensação de isolamento**, o **comportamento agressivo**, o **esgotamento** e a **obsessão com o corpo**. Além de alterações na **qualidade do sono**, verificamos **hábitos compulsivos**, **menor desempenho acadêmico** ou profissional e **prejuízo nos relacionamentos interpessoais**.

Não obstante, o mau uso da internet e suas consequências não são temade estudos apenas de profissionais da saúde, mas também de filósofos. Um exemplo disso é o filósofo e sociólogo coreano Byung-Chul Han que, em sua obra *Sociedade do Cansaço* (2015), traz uma reflexão sobre a sociedade contemporânea, argumentando que estamos vivendo literalmente em uma “sociedade do cansaço”, onde as pessoas estão exaustas, estressadas e desmotivadas. Han atribui essa situação à cultura do consumo, à globalização e à tecnologia, que criaram uma sociedade de hiperatividade e hiper conectividade. Além disso, Han aborda outros aspectos importantes, como a ideia de tédio, a qual fomos condicionados a não suportar, visto que estamos desabitoados do não fazer nada, que é uma ação natural do ser humano. Assim, Han argumenta que devemos contemplar o tédio como um exercício necessário para o bem-estar natural.

Um aspecto importante que Han (2015) chama a atenção é para as patologias do início do século XXI que não se configura como bacteriológicas nem virais, mas neuronais. Assim, ele cita algumas doenças que são provocadas “não pela negatividade de algo imunologicamente diverso, mas pelo excesso de positividade” (Han, 2015, p.7). Isso inclui a pressão constante para ser produtivo, feliz e bem-sucedido. Isso significa que a sociedade moderna valoriza a eficiência, a produtividade e a realização constante, o que pode levar ao esgotamento e à exaustão.

Em outra passagem, Han (2015, p.10) diz que “a violência da positividade que resulta da superprodução, superdesempenho ou supercomunicação já não é mais ‘viral’, ou seja, não é uma ameaça externa, mas interna. É uma ameaça decorrente da pressão constante para sermos mais e melhor em tudo o que fazemos, resultando em doenças mentais e emocionais que não se espalham como vírus, mas que emergem das exigências e expectativas de uma sociedade obcecada por positividade e sucesso. É importante ressaltar que esses termos, utilizados por Han, descrevem a tendência de nossa sociedade contemporânea de exigir cada vez mais em termos de produção, desempenho e comunicação. Espera-se que as pessoas estejam sempre ativas, conectadas e produzindo resultados continuamente.

É exatamente esse conceito de supercomunicação que nos interessa, pois está diretamente relacionado ao conceito de hiperexposição. Diante desse cenário contemporâneo digital, Han (2017, p. 20), ressalta que “o excesso de exposição transforma tudo em mercadoria que ‘está à mercê da corrosão imediata, sem qualquer mistério’”, criticando a exposição excessiva e a transparência total que dominam a sociedade contemporânea. Essa prática leva a um excesso de exposição nas redes sociais, fazendo com que o ponto de vista

alheio, ou seja, a opinião das pessoas cause a quem se expõe consequências, muitas vezes, drásticas. Sendo assim, essa hiperexposição pode reverberar de dois lados: de quem se expõe e de quem interage com essa exposição. É justamente nesse ponto das interações interpessoais no mundo das redes sociais que se encontra a necessidade de uma conduta ética.

A conjuntura das interações nas redes sociais nos leva a desafios morais complexos, resultantes da crescente digitalização das nossas vidas. Nesse sentido, ao refletirmos sobre como as redes sociais estão relacionadas com o nosso dia a dia, percebemos que, por um lado, elas transformaram radicalmente as nossas vidas, mas por outro, elas também trouxeram desafios morais muito complexos. Em geral, as pessoas ainda não sabem como lidar com questões que surgem do uso das redes sociais como: a privacidade e a hiperexposição, a propagação da desinformação, o *cyberbullying* e o discurso de ódio com seus efeitos na vítima e, por fim, ressalta-se a alienação e a dependência que causam uma crise de identidade.

Diante desse contexto, a Ética do Cuidado, que enfatiza a importância das relações interpessoais e da responsabilidade mútua, emerge como uma possibilidade de orientar as ações no mundo virtual das redes sociais. Ao contrário das éticas tradicionais, que apresentam perspectivas mais individualistas, a Ética do Cuidado nos lembra da necessidade da empatia, da compaixão e da atenção às necessidades dos outros em nossas interações digitais. Explorar essa ética no ambiente digital é crucial para promover um uso mais responsável e humano da tecnologia, em que o bem-estar coletivo é prioritário. Diante disso, o objetivo desse trabalho é defender que a Ética do Cuidado poderia ser uma alternativa para mitigar os danos causados nas interações nas redes sociais.

Para tanto, iniciaremos falando sobre os aspectos que envolvem o uso e as interações nas redes sociais, a partir do problema da exposição excessiva e dos desdobramentos como a perda da privacidade, os efeitos causados pela opinião alheia e a crise de identidade oriunda da falta de autoconhecimento e da desconexão consigo mesmo. Feito isso, falaremos sobre a importância de uma conduta ética pautada em valores essenciais como respeito, empatia e compaixão. Por isso, cogitamos que o paradigma ético para as relações interpessoais digitais seja a Ética do Cuidado.

2 OS ASPECTOS QUE ENVOLVEM O USO DAS REDES SOCIAIS

Notadamente, estamos vivendo uma era totalmente nova, com uma revolução tecnológica jamais vivenciada na história. Por isso, nos encontramos em um processo de adequação às novidades, nos adaptando às mudanças nas relações sociais, o que inclui o uso das redes sociais. Esse uso possui diversos aspectos que influenciam as nossas vidas tanto positivamente quanto negativamente. Por exemplo, podemos citar algumas influências positivas como a conectividade que possibilitou a comunicação instantânea independentemente das distâncias físicas, a facilidade de informação à distância de um *click*, o *marketing* e negócios que são propagados nesse ambiente etc. Assim, as redes sociais oferecem alguns benefícios tanto no individual quanto no coletivo. Por exemplo, no âmbito pessoal, temos os criadores de conteúdo ou influenciadores que compartilham suas habilidades em plataformas que levam seu talento ao máximo de conhecimento; como no coletivo âmbito com a possibilidade de

conexão e comunicação, levando as pessoas a terem contato em tempo real com pessoas de todo o mundo.

Por outro lado, o mau uso das redes sociais pode trazer consequências negativas e até mesmo irreversíveis, como podemos mencionar alguns. A professora Henriette Tognetti Penha Morato, do Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade, do Instituto de Psicologia da USP, faz um alerta para o uso intenso das redes sociais que suga usuários e contribui para que eles façam uma elaboração ficcional da realidade. Em suas palavras: “cada um tenta dizer as coisas da maneira como vê e, às vezes, provoca para ver como é que vão reagir. É uma distorção criada para modificar a própria realidade com a qual não se está satisfeito ou criada para provocar alguma coisa” (Morato, 2021 *apud* Oliveira, 2021, sp.).

O rol de perniciosidades relacionadas ao mau uso da internet não termina com essa alienação da realidade citada acima, existem também outros problemas relacionados ao uso excessivo como, comportamentos agressivos e ofensivos, classificados como *Cyberbullying*. Nesse sentido, a professora Maria Isabel Leme, do Instituto de Psicologia (IP) da Universidade de São Paulo, afirmou que o fato de ter um aumento no caso de *Cyberbullying* é que o agressor consegue atingir um número maior de vítimas virtualmente que é superior ao que conseguiria no ambiente presencial, além disso, ela ressalta que os agressores sentem mais seguros em praticar os abusos porque acham que dificilmente serão identificados e punidos. Leme relata que esse tipo de abuso “tem a ver com o conhecimento das crianças com as novas tecnologias, mas também com a facilidade de acesso que o ambiente virtual favorece, é um ambiente mais protegido” (Leme, 2024 *apud* Silva, 2024, sp.). Em relação à facilidade e segurança que os agressores sentem no meio virtual, a professora destaca que “praticar o *bullying* presencialmente expõe mais o agressor a punições e, no ambiente virtual, acredito que seja mais protegido e que ele se sinta mais seguro” (Leme, 2023 *apud* Silva, *ibidem*).

Outros problemas relacionados ao mau uso da internet são a perda da privacidade e da segurança decorrentes dos riscos de violação de dados e exposição a desinformação e *Fake News* gerando propagação de informações falsas, e o isolamento social, substituindo as interações sociais por virtuais.

Além desses problemas supramencionados, o uso das redes sociais envolve aspectos psicológicos significativos que não podem ser esquecidos, como a baixa autoestima e a tendência à comparação, o que muitas vezes leva a efeitos negativos. A comparação constante com os outros pode gerar ansiedade e estresse, especialmente pela pressão de manter uma imagem idealizada e divulgada como a exemplar. Essa imagem idealizada causa um aspecto psicológico importante na identidade das pessoas, afetando a forma como elas se representam e lidam com a verdade sobre si mesmas, o que também pode prejudicar as relações pessoais e nas intimidades.

Por exemplo, existem estudos que mostram como a construção da imagem corporal de uma pessoa nas redes sociais se dá através de discursos verbais presentes em postagens de blogueiras *fitness* no Instagram. Essas *influencers* recebem o patrocínio de diversas marcas para divulgarem nas redes sociais suas personalidades, estilos de vida e hábitos de consumo através de suas imagens corporais para milhares de pessoas em seus perfis (Moreira, 2020). Nessa pesquisa, fez-se uma análise das práticas discursivas utilizadas nas redes sociais trazendo a supervalorização da aparência corporal,

relacionando com os hábitos de consumo atuais. Como resultado, verificou-se que a produção discursiva que define o corpo ideal, representado pelo estereótipo do corpo magro e jovem e do que deve ser feito para consegui-lo. Em relação ao resultado de sua pesquisa, a autora diz que:

Portanto, a partir desta análise é possível observar como o discurso relacionado à forma corporal prega veemente a obtenção de corpo magro como uma obrigação, especialmente em discursos propagados nas redes sociais. É importante que se perca peso, sempre seguindo regras e determinações através de um modelo disciplinar. Dessa maneira, para conseguir o corpo dos sonhos, subentende-se que é essencial disciplinar-se e submeter-se a um comportamento preestabelecido que inclui um estilo de vida calculado e controlado por regras. (Moreira, 2020, p. 160).

Perante o exposto, não iremos desenvolver todos os problemas mencionados, mas iremos discorrer sobre alguns pontos decorrentes do problema da exposição excessiva, seguido dos efeitos da privacidade, dos efeitos oriundos ao ponto de vista alheio, também sobre a questão da crise de identidade e consequentemente da autoestima.

2.1 O problema da exposição excessiva

Aqui o conceito de exposição excessiva se assemelha com o conceito da transparência que o filósofo Byung-Chul Han utiliza para descrever como sendo um fenômeno característico da sociedade contemporânea, que exige que todas as esferas da vida sejam visíveis a todos. Esse conceito foi desenvolvido na obra *Sociedade da Transparência* (Han, 2017).

Em concordância com Han (2017), podemos dizer ser evidente que vivemos em uma era da transparência, na qual sentimos a necessidade de divulgar constantemente o nosso dia a dia nas redes sociais. Conforme a matéria: *Brasil é o Terceiro Maior Consumidor de Redes Sociais em Todo o Mundo*, que foi publicada pela revista Forbes em 2023

O Brasil é o terceiro país que mais consome redes sociais em todo o mundo. A constatação é de um levantamento da Comscore. O estudo mostra que esses canais são a preferência dos brasileiros frente a outras categorias online, elevando o país à terceira posição entre as nações que mais consomem redes sociais em todo o mundo – atrás de Índia e Indonésia, e à frente de Estados Unidos, México e Argentina.

Essa exposição excessiva pode trazer prejuízos aos usuários, sendo a busca por *status* e prestígio social uma das principais causas. Quanto mais as pessoas postam, mais elas desejam reconhecimento, seja por parte da família ou da sociedade. Essa busca incessante para estabelecer uma conexão significativa entre seu público, buscando uma relação de confiança e lealdade. Isso gera um mundo de aparências, onde muitos tentam mostrar uma vida perfeita, que não existe de fato. Conforme Han (2017, p. 18) relata

Na sociedade positiva, na qual as coisas, agora transformadas em mercadorias, têm de *ser expostas* para *ser*, seu valor cultural desaparece em favor de seu valor expositivo. Em vista desse valor expositivo, sua existência perde totalmente a importância. Pois, tudo o que repousa em si mesmo, que se demora em si mesmo passou a não ter mais valor, só adquirindo algum valor se for *visto*.

Nitidamente, Han (2017) critica a sociedade contemporânea por transformar tudo em mercadoria e valorizar somente o que é exposto. A vida foi transformada em uma mercadoria que perdeu seu “valor cultural” ou seu valor intrínseco que se manifesta independentemente de “ser visto”, exposto ou compartilhado. Nesse sentido, o valor que se tem é o expositivo ou instrumental, à medida que só tem valor se for visível e consumido por outros.

Além disso, a perfeição que se pretende mostrar nas redes sociais é ilusória e pode afetar negativamente a autoestima daqueles que não conseguem se adequar a essa “realidade”. Esses fatores podem contribuir para o surgimento de problemas psicológicos, como depressão, crises de ansiedade, entre tantos outros já citados. A busca por essa visibilidade constante, comportamento padrão imposto pela cultura do espetáculo, da hiperexposição, cuja característica básica é a necessidade de o sujeito despertar a atenção alheia, se efetiva plenamente nesse espaço virtual (Amaral, 2015).

Afora os impactos psicológicos, a exposição excessiva também aumenta os riscos de crimes virtuais, nos quais as vítimas são atraídas para diversas armadilhas, sejam elas golpes, fraudes e até jogos de azar, variando a idade do público afetado, seja ele de crianças, jovens, adultos ou de idosos que estão à mercê dessa exposição exacerbada de suas intimidades. No mundo digital, criminosos podem usar informações obtidas nas redes sociais para realizar ataques, como furto de dados ou acesso de contas pessoais, incluindo também contas bancárias. Entretanto, os perigos vão além, por exemplo, crianças que têm suas rotinas e atividades expostas em tempo real nas redes sociais ficam mais vulneráveis a crimes como pedofilia e sequestro, entre outros.

Nesse cenário, a revista Exame em 2015 publicou uma matéria que relatava que, cada país enfrenta essa realidade conforme seus costumes, suas ideologias, suas culturas. Alguns países do Oriente, como Taiwan, usam algumas medidas de controle, que no Brasil poderiam ser vistas como uma medida antidemocrática. Para se ter uma ideia, em 2015 o governo taiwanês decretou uma lei que prevê multas para os pais que expõem seus filhos com menos de dois anos a qualquer aplicativo digital e que não limitam suficientemente o tempo de utilização pelos jovens de 2 a 18 anos, evitando o excesso e possíveis efeitos maléficos tanto psicológicos como físicos.

O neurocientista Michel Desmurget, em sua obra *A fábrica de cretinos digitais: Os perigos das telas para nossas crianças*, 2021, confirma que o tempo que uma criança passa diante das telas no ambiente doméstico afeta negativamente o seu desempenho escolar. Dessa forma, multar os pais não é uma maneira democrática, mas é importante ressaltarmos que o nível de educação em Taiwan é um dos melhores do mundo.

No Brasil, foi criado um GT (Grupo de Trabalho) para trabalhar a produção de um guia que visa produzir recomendações e orientações sobre o uso de telas e dispositivos digitais de forma adequada à idade. Além disso, esse guia deve servir de base para políticas públicas nas áreas de saúde, educação, assistência social e proteção do público mais vulnerável. Podemos observar que essa não é uma medida de imposição, mas sim de conscientização, campanhas que expliquem os riscos do uso excessivo de telas, e que levem para os pais medidas práticas de como lidar com essas situações podem ser muito úteis, mas é importante ressaltar que podem ocorrer alguns pontos negativos com medidas de conscientização, um deles é o potencial de criar um estigma em torno da tecnologia, como ansiedade e insegurança nos pais por acharem que estão

sendo prejudiciais para seus filhos, por isso, é importante encontrar um equilíbrio promovendo uma abordagem saudável em vez de uma visão polarizada (Agência Brasil, 2024).

Como pudemos ver, a exposição excessiva causa muitos malefícios e por conta disso se tornou uma preocupação de vários segmentos da sociedade, inclusive do governo. Diante disso, é importante ressaltarmos que um dos problemas da hiperexposição é a perda da privacidade, que pode ocorrer de forma deliberada pelo usuário das redes sociais, ao se expor e expor a sua vida, o seu cotidiano, mas pode ocorrer sem a deliberação da pessoa quando seus dados são vazados, por exemplo, ou quando a pessoa é *stalkeada* por isso, no próximo ponto, veremos mais sobre a privacidade.

2.2 Privacidade

Vimos no ponto anterior que a exposição excessiva nas redes sociais acarreta uma gama de desafios, e um deles é o problema da privacidade. O fatoda hiperexposição se faz pelo excesso de compartilhamento de informações pessoais dos usuários como imagens, documentos, endereços e detalhes da vida cotidiana, assim, as pessoas se tornam vulneráveis à invasão da privacidade, pois quanto mais informações alguém compartilha, mais fácil se torna para terceiros entenderem detalhes da vida pessoal, como rotina, localização, pessoas próximas, hábitos e até vulnerabilidades. Essas informações podem ser exploradas por pessoas mal-intencionadas.

Para tentar barrar essas invasões, a legislação brasileira rege uma gamade leis e regulamentações como a Lei geral de proteção de dados (LPGD) Nº 13.709/2018 que impõe regras para a proteção de dados pessoais no meio digital e físico. E a Lei Nº 12.965/2014 estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso de internet no Brasil. Leis como essas, presentes no Código Civil Brasileiro que se adaptam e se atualizam de acordo com o desenvolvimento. São elas que visam garantir a segurança e a privacidade dos dados dos usuários das redes sociais no Brasil. Mas há desafios à implementação dessas leis, embora elas sejam robustas, a implementação e o cumprimento efetivo da proteção de dados ainda não acontecem de forma eficaz. Questões como o vazamento de dados, a coleta indevida de informações e a falta de transparência nas práticas de privacidade são tópicos importantes que continuam a ser discutidos no contexto da proteção de dados no Brasil. Esses aspectos refletem o esforço contínuo para garantir que a privacidade dos usuários nas redes sociais e em plataformas digitais seja protegida de forma eficaz no Brasil. (Veja, 2024).

Ademais, a falta de privacidade que a própria pessoa se impõe nas redessociais é decorrente da cultura da hiperexposição. As pessoas compartilham suas vidas. O lar deixa de ser um lugar sagrado e íntimo e passa a ser do domínio público, que interfere, que opina, que critica etc. Para Han (2017, p. 20), a perda da privacidade advinda da hiperexposição é:

exploração, e seu imperativo aniquila o próprio morar. Quando o próprio mundo se transforma em espaço de exposição, já não é possível o habitar, que cede lugar à propaganda, com o objetivo de incrementar o capital da atenção do público.

O ato de expor algo, alguém ou a si mesmo é uma forma de exploração. A exposição não é neutra, mas uma maneira de explorar e capitalizar a visibilidade

e a atenção. Essa atividade é realizada como base no “imperativo” da exposição que se baseia na pressão constante para se estar visível e exposto, forçando as pessoas a transformarem suas vidas privadas em conteúdo público a ser veiculado nas redes sociais e na mídia, explorando suas experiências, suas emoções, seus dramas pessoais. Essa prática expositora leva a aniquilação do morar, de habitar o seu espaço de forma tranquila, privada e com profundidade. Diante disso, existe um paradoxo, pois à medida que a exposição constante visa aumentar o “capital da atenção”, ou seja, atrair e manter a atenção das pessoas, tem-se como consequência a exposição à opinião das pessoas, que muitas vezes, não são positivas e que podem causar muitos danos a quem se expõe.

2.3 Efeitos causados pelo ponto de vista alheio

Nós seres humanos que vivemos em sociedade, usuários das redes sociais, que estamos em constante exposição, estamos à deriva de opiniões agradáveis e desagradáveis, pois convivemos com pessoas que pensam, vivem e agem de forma diferente. Muitos dos problemas que enfrentamos são derivados da dificuldade em lidar com opiniões alheias e na falta de interesse em compreendê-las. É importante ressaltar que isso é especialmente evidente nas interações do dia a dia nas redes sociais, onde somos expostos a opiniões que discordam das nossas e a visões de mundo diversas, mas também a discursos de ódio, ofensivos e difamatórios.

O problema existe, e as diferentes perspectivas sobre diversas questões podem gerar conflitos. Para encontrarmos soluções, é essencial primeiro entender o que causa essa dificuldade em lidar com as opiniões alheias. Ao compreendermos o problema, podemos identificar medidas e ações que nos ajudem a aprender a conviver com essas diferenças e extrair delas algo positivo.

Uma parte significativa da intolerância que sentimos em relação às visões dos outros está ligada à nossa própria insegurança em relação à nossa identidade. Muitas vezes, não refletimos sobre quem somos, o que nos define e qual é o sentido que governa nossa vida. Isso nos leva a nos identificarmos com pequenos “eus”, como profissão, papel social e imagem, além de gostos e inclinações, que são muitas vezes passageiros. Quando não sabemos quem somos, nos apegamos a essas versões frágeis de nós mesmos, e, assim, essas opiniões e gostos começam a nos definir.

Isso serve para os dois lados das interações virtuais, para aquele que se expõe e para quem consome essa exposição. É importante nessas relações, a fim de evitar a rigidez e a inflexibilidade, refletir sobre questões como: “Em que momento eu decidi gostar disso?”, “Quais são as razões que sustentam minhas crenças?”, “Estou disposto/a a aperfeiçoar essa visão?”. Sem essas reflexões, podemos nos tornar agressivos, pois questionar nossos próprios gostos pode ser visto como uma ameaça à nossa identidade, levando a diversos problemas.

Essas reflexões são importantes, pois vivemos em um mundo virtual onde as pessoas quando compartilham suas fotos, seus vídeos, suas vidas recebem uma variedade de respostas, sejam elogios, críticas e opiniões das mais diversas. Muitas vezes, o conteúdo compartilhado não condiz com a realidade nem com a real identidade da pessoa que posta, fazendo com que exista uma variedade de intenções por trás de uma postagem que, às vezes, tentam mostrar algo de fato, mas outras vezes pode ser apenas uma polêmica (que a pessoa nem coaduna verdadeiramente) apenas para chamar a atenção dos seguidores. Quando a publicação agrada aos seguidores, os elogios têm um

efeito psicológico e emocional em quem compartilhou. Mas, se a publicação não agrada, as críticas e as possíveis ofensas possuem um efeito devastador, a depender do preparo psicológico e emocional de quem recebe.

Nesse sentido, vemos uma divisão nítida entre aqueles que compartilham das mesmas ideias daqueles que são divergentes. De acordo com Han (2017), a comunicação entre semelhantes é rápida porque não há necessidade de negociação ou compreensão de diferenças. Em contrapartida, existe uma tendência a negar a alteridade, o outro que pensa diferente o que impede uma comunicação efetiva

A comunicação alcança sua velocidade máxima ali onde o igual responde ao igual, onde ocorre uma reação em cadeia do igual. A negatividade da alteridade e do que é alheio ou a resistência do outro atrapalha e retarda a comunicação rasa do igual. A transparência estabiliza e acelera o sistema, eliminando o outro ou o estranho. Essa coação sistêmica transforma a sociedade da transparência em sociedade uniformizada (*gleichgeschaltet*). Nisso reside seu traço totalitário, em uma nova palavra para dizer uniformização: transparência (Han, 2017, p. 10).

Nessa passagem Han critica a sociedade contemporânea por favorecer a comunicação rápida e superficial entre os iguais, eliminando a diversidade e a complexidade. A transparência da hiperexposição que deveria ser um valor positivo, é usada para impor uniformidade, eliminando qualquer elemento que possa introduzir diferença ou resistência. Essa imposição cria uma sociedade uniformizada, onde a verdadeira diversidade e a autenticidade são sacrificadas em nome da eficiência e da visibilidade.

Mas, os efeitos causados pela opinião alheia não param por aí, existem efeitos que ultrapassam a barreira de uma opinião divergente e adentram na esfera do ódio, da homofobia, do machismo, do racismo, dos preconceitos e da violência em suas diversas manifestações, pois não se trata de uma opinião divergente, mas de uma conduta antiética e criminosa. São esses efeitos que interferem no psicológico e emocional das pessoas levando-as, muitas vezes, a atitudes drásticas, conforme mencionaremos mais adiante.

Um exemplo interessante que aborda essa temática é o documentário “O Dilema das Redes”, lançado pela Netflix em 2020 e dirigido por Jeff Orlowski. Esse documentário explora os impactos negativos das redes sociais na sociedade e nos indivíduos. Nele, são denunciados os efeitos, os vícios e os perigos que as interações sociais representam para a população, especialmente para as crianças e os adolescentes. O documentário enfatiza que as plataformas usam algoritmos para maximizar o tempo de uso e exibir mais anúncios. Ele também mostra como a busca constante por validação e elogios nas redes pode levar a sentimentos de inadequação e insatisfação. Esse documentário também aborda como as redes sociais contribuem para a polarização política e a disseminação de notícias falsas. Mostra ainda que as notícias falsas se espalham muito mais rápido do que as notícias verdadeiras, exacerbando conflitos e divisões.

2.4 Crise de identidade e a falta do autoconhecimento

Diante das circunstâncias atuais, é alarmante a fragilidade que enfrentamos ao lidar com as opiniões alheias. Sem preparação psicológica e autoconhecimento, muitos usuários de redes sociais se tornam vulneráveis,

levando a crises existenciais e até suicídios. Um exemplo trágico é o do jovem Lucas Santos, filho da cantora Walkyria Santos, que, aos 16 anos, tirou a própria vida após ser alvo de ataques em um vídeo no *TikTok*. Ele mostrava momentos de carinho com um amigo, mas foi mal interpretado, gerando comentários homofóbicos. Embora Lucas tenha esclarecido que suas ações eram uma reprodução de um vídeo viral, o ódio nos comentários já havia causado danos irreparáveis. Essas e outras informações sobre esse caso estão disponíveis no jornal G1 (2021)

Esse caso, embora tenha recebido atenção por se tratar de uma figura pública, não é isolado. Pesquisas indicam um aumento significativo na auto violência nos últimos anos, correlacionando com o crescimento das redes sociais. Segundo a OMS, entre 2000 e 2019, a taxa de suicídio nas Américas aumentou 17% entre jovens de 15 a 29 anos, sendo o suicídio a quarta causa de morte mais comum (Martins, 2022).

Uma máxima existencialista de Sartre, na sua obra *Entre quatro paredes*, é: “o inferno são os outros” (Sartre, 1977), essa afirmação reflete como nossa preocupação com a opinião alheia pode fazer com que nosso eu dependa de fatores externos. Viver com autenticidade, ou seja, como uma referência a uma vida vivida com um senso de urgência e comprometimento com base nos projetos que dão sentido e que importam para cada um de nós como indivíduos (Aho, 2023) ser fiel a si mesmo, é mais desafiador do que parece em um mundo repleto de interpretações. Carl Jung explica que a "persona" é a máscara que usamos em resposta às convenções sociais. Contextos diferentes exigem posturas variadas, aumentando o risco de viver para agradar os outros (Jung, 2002).

Viver com autenticidade é sermos nós mesmos independentemente do que os “seguidores” esperam de nós. Sendo assim, para que se tenha essa autenticidade é necessário o autoconhecimento. Nesse contexto, o existencialismo faz uma crítica à sociedade de massa e à nossa tendência a nos conformarmos às normas e expectativas niveladas do público. Em vez de vivermos nossas próprias vidas, tendemos a ser puxados pela multidão, fazendo o que “eles” fazem (Aho, 2023) e perdendo o contato, ou nos tornando alienados à nossa própria identidade.

2.4.1 A falta do autoconhecimento

Autoconhecimento é a capacidade de entender e reconhecer seus próprios pensamentos, sentimentos, valores, forças e fraquezas. É muito importante se ter cuidado nas decisões e, se conhecer é ter a capacidade de identificar os limites do corpo e da mente, de saber até onde se expor, o que expor e por quanto tempo é necessária essa exposição na vida. Embora Han (2017) não trate do autoconhecimento de forma direta, em sua obra *Sociedade da Transparência*, o autor traz suas reflexões sobre o estado que a sociedade contemporânea está vivenciando uma era de autoexploração pela busca incessante por desempenho e otimização social, porém essa dinâmica se faz por meio de ferramentas digitais, para monitorar e melhorar seus desempenhos físicos e mentais. Entretanto, essa análise é quantitativa e afasta os indivíduos da autorreflexão profunda e autêntica sobre si mesmos, de forma que a busca por validação *online*, através dos *likes* e engajamento dos outros, bem como a pressão interna e externa por hipereposição pode comprometer e dificultar o verdadeiro autoconhecimento

A sociedade positiva tampouco admite qualquer sentimento negativo. Desse modo, esquecemos como se lida com o sofrimento e a dor, esquecemos como dar-lhes *forma*. [...] Mas sofrimento e paixão são figuras da negatividade. De um lado eles evitam a fruição do que não é negativo; de outro, em seu lugar entram perturbações psíquicas como esgotamento, cansaço e depressão, que remontam em última instância ao exagero de positividade. (Han, 2017, p. 13-14.).

Como podemos ver, Han critica a dinâmica própria da contemporaneidade, caracterizada por ele como a sociedade positiva, afirmando que vivemos em um tempo que valoriza a produtividade, o desenvolvimento e a busca constante pela felicidade. Nesse contexto, sentimentos e experiências negativas, como sofrimento, dor e paixão são rejeitados, pois são vistos como obstáculos ao progresso e ao bem-estar. Assim, quando evitamos o sofrimento e a dor, perdemos a capacidade de lidar com essas experiências inevitáveis da vida, e que sem elas os indivíduos ficam sem ferramentas emocionais e simbólicas para enfrentar crises ou dificuldades.

Ainda na citação anterior, Han nos diz que ao eliminar a negatividade, também removemos aspectos importantes da experiência humana, como a profundidade emocional e a autorreflexão, sendo assim, o sofrimento e a paixão são estados que nos conectam à nossa humanidade. O autor fala que evitar o negativo não é resultar em bem-estar, mas em outros sofrimentos, como o surgimento de perturbações psíquicas, esgotamento, cansaço e depressão, esses estados se resultam de uma sobrecarga positiva, na qual o indivíduo é constantemente baseado em ser otimizado, otimista, feliz e produtivo, sem espaço para falhas ou descanso. Assim, Han nos convida a refletir que a exclusão da negatividade nos desumaniza, nos desconecta de experiências profundas e cria novas formas de sofrimento, resultando assim, em uma falta de autoconhecimento e de sabedoria para lidar com o excesso de exposição.

Isso nos leva a refletir sobre reconsiderar o papel do sofrimento e da dor como partes inevitáveis e significativas da condição humana. Além disso, a constante necessidade de se expor e ser visível nas redes sociais e outros meios digitais leva as pessoas a construírem identidades superficiais e performativas, em vez de se engajarem em uma reflexão profunda sobre quem realmente são.

Para Han (2017), o autoconhecimento requer tempo, introspecção, a contemplação do silêncio e um certo grau de privacidade, essas são condições essenciais e que são minadas pela sociedade da transparência, na qual tudo deve ser exposto e visível. Essa exposição constante, segundo ele, resulta em uma superficialidade que impede um verdadeiro entendimento e desenvolvimento do “eu” interior.

Diante da problemática desenvolvida até aqui, percebemos que os desafios morais enfrentados no ambiente das redes sociais são plurais. De fato, existe uma crise ética nesse ambiente à medida em que as pessoas perdem a dimensão de quem elas são e de quem são os outros. Dessa forma, o outro que se expõe fica à deriva dos comentários, opiniões e *reacts*² que, muitas vezes,

² O termo *react* é utilizado nas redes sociais para designar os vídeos em que os usuários reagem a outros vídeos, fotos ou conteúdo. Eles geralmente mostram a expressão facial e os comentários da pessoa enquanto ela assiste ao conteúdo, proporcionando uma camada extra

são ações que não possuem um embasamento ético, acabando por serem ações antiéticas e imorais, e por vezes criminosas como veremos na próxima seção.

Diante desses desafios, de como agir nas redes sociais de forma a considerar o outro em suas necessidades, que refletiremos sobre a possibilidade de mitigar os efeitos nocivos que a hipereposição e suas consequências têm na vida das pessoas. Uma possibilidade que cogitamos é relacionada aos valores éticos que poderiam guiar essas interações. Por isso, a seguir falaremos sobre a Ética do Cuidado e de como seus valores poderiam ser a base das interações no ambiente das redes sociais.

3. UMA ÉTICA DO CUIDADO PARA O AGIR NAS REDES SOCIAIS

A Ética do Cuidado surgiu por volta de 1980, criada por pensadoras feministas, como Nel Noddings e Carol Gilligan. É uma ética que embasa seus princípios de ação em elementos como a empatia, a compaixão e a responsabilidade nos relacionamentos humanos. Contrapondo-se às éticas tradicionais, como a utilitarista e a deontológica, que priorizavam a justiça e a universalidade das normas morais e frequentemente ignorava aspectos emocionais das relações humanas, a Ética do Cuidado propõe uma abordagem mais circunstancial e não universalista que avalia cada circunstância e o melhor curso de ação com base nos valores básicos supracitados. Sendo assim, ela defende que o cuidado é essencial para o bem-estar social e pessoal e que as ações morais devem ser pautadas por esse elemento que tem vários desdobramentos.

A psicóloga e filósofa, referência dessa linha de pensamento nos anos de 1982 Carol Gilligan, em seu livro *In a Different Voice: Psychological Theory and Women's Development*³, criticou o enfoque das teorias morais tradicionais, que refletiam, segundo ela, uma visão predominantemente masculina da moralidade, baseada em normas objetivas e imparciais. Mais especificamente, ela criticou a teoria do desenvolvimento moral de Lawrence Kohlberg⁴, argumentando que se trata de uma teoria tendenciosa, pois enfatiza uma “ética da justiça” em vez de uma “ética do cuidado”.

Quando falamos em “cuidado” na Ética do Cuidado, o que seria? Na literatura da Ética do Cuidado, o termo “cuidado” é mais frequentemente definido como uma prática, valor, disposição ou virtude, e é frequentemente retratado como um conjunto sobreposto de conceitos que incluem vários outros como empatia, compaixão, responsabilidade e compromisso com o bem-estar dos outros. Sendo assim, não há ainda um consenso sobre a definição de cuidado,

de entretenimento e interação. Esse formato se tornou muito popular em plataformas como YouTube, TikTok, Instagram, entre outras.

³ Traduzido para o português como “Uma Voz Diferente: Psicologia da Diferença entre Homens e Mulheres da Infância à Idade Adulta” (tradução nossa).

⁴ a teoria do desenvolvimento moral de Lawrence Kohlberg foi baseada em um experimento com uma amostra predominantemente masculina e, conseqüentemente, refletiu uma perspectiva centrada na justiça, nas tomadas de decisões morais. Esse estudo foi realizado através de colocar crianças e adolescentes para responderem a diferentes dilemas morais. Nesse sentido, as respostas dos meninos foram diferentes das respostas das meninas, mostrando que os homens têm uma tendência a resolver os conflitos através da utilização de princípios universais, enquanto as meninas consideraram os aspectos circunstanciais e relacionais. Sendo assim, Kohlberg considerou predominantemente as respostas masculinas. Nesse sentido, Gilligan (1982) argumenta que essa abordagem ignora a “voz diferente” a voz feminina, que ela identifica como uma característica mais proeminente no desenvolvimento moral feminino.

mas a despeito dessas discrepâncias, é possível falar em quatro princípios básicos que perpassam as teorias.

Collins (2017), sobre as éticas do cuidado, mostra que essas teorias têm o intento de orientar as pessoas nas suas tomadas de decisões através da reflexão sobre a realidade vivida por cada pessoa. Ela diz que

os especialistas em ética do cuidado acreditam que sua teoria pode - na verdade, deve - orientar todos nós na tomada de decisões morais, independentemente do nosso gênero e dos dilemas específicos que enfrentamos. Por meio da reflexão sobre a realidade vivida da tomada de decisões éticas, os especialistas em ética do cuidado são levados às seguintes ideias: que responsabilidades derivam de relacionamentos entre pessoas específicas, e não de regras e princípios abstratos que a tomada de decisão deve se basear na simpatia, e não no dever ou em princípios que os relacionamentos pessoais têm um valor que muitas vezes é ignorado por outras teorias; que pelo menos algumas responsabilidades visam a atender às necessidades de pessoas vulneráveis. (Collins, 2017, p.1, tradução nossa).⁵

Essa passagem enfatiza a importância de refletir sobre as experiências e contextos reais das pessoas ao tomar decisões éticas. Não se trata apenas de aplicar regras ou princípios abstratos, mas sim de considerar o contexto específico e as relações pessoais. Nesse contexto, as responsabilidades morais derivam das relações entre pessoas específicas, em vez de regras gerais e um elemento fundamental nessas relações interpessoais é a empatia, ao invés de seguir o dever porque é um dever. A empatia, por sua vez, envolve compreender e se importar com as necessidades e sentimentos dos outros, o que é central para a ética do cuidado.

Sob esse aspecto, Collins (2017) mostra que, apesar de existirem diferentes teorias éticas centradas no cuidado, no geral, elas apresentam quatro reivindicações básicas. A **primeira** fala sobre os componentes básicos das ações morais que perpassam a deliberação e a justificação dessas ações. Ambas devem ser pautadas pela empatia e a atenção direta a particularidades concretas envolvendo as relações interpessoais. A **segunda** é sobre os relacionamentos pessoais, sendo assim, Collins (2017) define que os relacionamentos pessoais são paradigmas morais que devem ser preservados e que geram responsabilidades importantes. Falando sobre o valor das pessoas nas relações, ela diz que:

na medida em que tenham valor para os indivíduos no relacionamento, os relacionamentos devem ser (a) tratados como paradigmas morais, (b) valorizados, preservado, ou promovido/formado, e (c) reconhecido

⁵ But care ethicists are not just concerned with ‘what women think.’ Instead, they believe their theory can -- indeed, should -- guide all of us in moral decision-making, regardless of our gender and the particular dilemmas we face. Through reflection on the lived reality of ethical decision-making, care ethicists are led to the following ideas: that responsibilities derive from relationships between particular people, rather than from abstract rules and principles; that decision-making should be sympathy-based rather than duty- or principle-based; that personal relationships have a value that is often overlooked by other theories; that at least some responsibilities aim at fulfilling the needs of vulnerable persons.

como dando origem a importantes obrigações. (Collins, 2017, p. 12, tradução nossa).⁶

Ou seja, a autora sugere que os relacionamentos interpessoais, quando valiosos para os indivíduos, devem ser considerados fundamentos da moralidade, merecem ser valorizados e preservados, e reconhecidos como fonte de importantes responsabilidades. Essa abordagem destaca a ética do cuidado e a importância das relações humanas na construção de uma moralidade significativa.

A **terceira** reivindicação é sobre as atitudes de cuidado. De acordo com Collins (2017), as atitudes de cuidado devem conter em si alguns aspectos fundamentais como: 1) envolver “objetos com interesses” (no caso, as outras pessoas que são dotadas de interesses); 2) resposta positiva aos interesses dos outros; e 3) as ações são influenciadas pelos interesses dos outros que recebemos cuidados. Em suma, a ética do cuidado requer atitudes de cuidado que se concentrem nos interesses dos outros, respondam positivamente a esses interesses e que influenciem as ações e decisões do agente.

E por último, a **quarta** reivindicação é sobre as Ações de Cuidado que diferem das atitudes de cuidado. Enquanto a atitude de cuidado é uma disposição para se atentar e estar disposto a cuidar, a ação de cuidado é a realização dessa disposição em gestos práticos, ou seja, a atitude de cuidado é um princípio norteador que pode dar origem a ações de cuidado quando as instruções exigem uma resposta prática e direta do cuidador para com o destinatário do cuidado. Outro aspecto importante da ação de cuidado é o cuidado para que a ação não menospreze ou comprometa a autonomia do destinatário do cuidado, e para que ações de cuidado sejam moralmente valiosas, não basta que se pretenda satisfazer interesses importantes, o cuidado precisa realmente satisfazê-los. (Collins, 2017)

Com relação à importância da Ética do Cuidado e das suas diferenças com as éticas tradicionais baseadas na justiça, como a de John Rawls, Virginia Held (2006), ressalta que ela se diferencia das éticas que preconizam a justiça através da universalidade de seus princípios, por ser uma abordagem que enfatiza as dimensões emocionais e relacionais da moralidade, enquanto a justiça enfatiza as estruturas e os princípios da equidade. Nesse sentido, Held (2006) diz que,

uma ética da justiça foca em questões de equidade, igualdade, direitos individuais, princípios abstratos e sua aplicação consistente. Uma ética do cuidado foca na atenção, confiança, resposta às necessidades, nuances narrativas e na construção de relações de cuidado. Enquanto uma ética da justiça busca uma solução justa entre interesses e direitos individuais concorrentes, uma ética do cuidado vê os interesses de quem cuida e de quem é cuidado como profundamente entrelaçados, em vez de simplesmente concorrentes. Enquanto a justiça protege a igualdade e a liberdade, o cuidado promove laços sociais e cooperação. (Held, 2006, p.15, tradução nossa)⁷

⁶ Second Claim of Care Ethics. To the extent that they have value to individuals in the relationship, relationships ought to be (a) treated as moral paradigms, (b) valued, preserved, or promoted/formed, and (c) acknowledged as giving rise to weighty duties.

⁷ An ethic of justice focuses on questions of fairness, equality, individual rights, abstract principles, and the consistent application of them. An ethic of care focuses on attentiveness, trust, responsiveness to need, narrative nuance, and cultivating caring relations. Whereas an ethic of

Podemos entender, através dessa citação, que a ética do cuidado foca nas relações interpessoais e no contexto específico em que as pessoas estão inseridas. Ela valoriza a empatia, a atenção às necessidades do outro e o cuidado mútuo. Sendo assim, a moralidade, dentro dessa abordagem, é centrada nas relações de cuidado e nas responsabilidades que surgem a partir delas, as necessidades emocionais e a compreensão do outro são fundamentais. Enquanto a ética da justiça foca na aplicação de princípios abstratos para resolver conflitos de interesses e proteger direitos individuais, a ética do cuidado prioriza a atenção às necessidades e a construção de relações de confiança e apoio. Ambas as abordagens são importantes, mas ela destaca que a ética do cuidado traz uma perspectiva essencial que muitas vezes é ignorada pelas abordagens tradicionais centradas na justiça.

Outrossim, entendemos também que a ética da justiça se concentra em estabelecer regras universais para tratar as pessoas de maneira justa, sem considerar tanto o contexto ou as relações pessoais específicas. Em vista disso, a ética da justiça busca a imparcialidade, muitas vezes tratando as pessoas como indivíduos autônomos e independentes, e não como partes de uma rede interdependente de relações. Desse modo, no contexto das redes sociais, a Ética do Cuidado parece ser mais apropriada, à medida em que enfatiza a importância das relações interpessoais e da responsabilidade mútua, manifestando de forma a orientar as ações no mundo virtual das redes sociais, ela também enfatiza, a importância da sensibilidade aos interesses de quem nos relacionamos, criando um vínculo através da empatia, disposição para ajudar, consideração aos interesses do outros e a responsabilidade pelo que fazemos em relação ao outro.

Portanto, é fundamental refletir sobre a aplicação da Ética do Cuidado no ambiente digital, a fim de promover um uso mais responsável e humano da tecnologia, no qual o bem-estar coletivo e individual seja levado em consideração. Com isso, vamos analisar casos reais de má conduta de usuários nas redes sociais, buscando alternativas para reduzir os danos causados pelas interações nesse espaço.

O primeiro exemplo, diz respeito ao suicídio de Lucas Santos, filho da cantora Walkiria Santos, que aconteceu em 03 de agosto de 2021, o dia em que o adolescente tirou a própria vida após sofrer comentários de ataques em vídeo publicado no *Tik Tok*. No vídeo em questão, o garoto mostrava cenas em que trocava carinho com um amigo. Mas, quando foi mal interpretado pelo público que o seguia, logo surgiram os comentários de ódio e de homofobia. Ainda que Lucas tenha feito um vídeo tentando esclarecer toda a situação e também demonstrando o medo da reação por parte de familiares, o jovem chega a afirmar “eu vou levar um bufete, eu vou morrer”. Ele tentou esclarecer que suas ações foram uma reprodução de um vídeo viral das redes sociais, que eram apenas amigos. Porém, o ódio nos comentários já havia causado danos irreversíveis. Por medo das consequências que poderiam vir a acontecer, devido a destilação de ódio gratuita, o jovem de apenas 16 anos acaba tirando a própria vida.

justice seeks a fair solution between competing individual interests and rights, an ethic of care sees the interests of carers and cared-for as importantly intertwined rather than as simply competing. Whereas justice protects equality and freedom, care fosters social bonds and cooperation.

Aqui, poderíamos refletir sobre a conduta das pessoas que contribuíram com os seus comentários para o fim trágico desse adolescente. Se essas pessoas tivessem suas ações no mundo virtual embasadas pelos princípios da Ética do Cuidado, com certeza a história teria tido outro desfecho.

Conforme mencionamos, a Ética do cuidado enfatiza a importância das relações interpessoais e da empatia, da consideração dos interesses dos outros e da responsabilidade pelas nossas ações dentro das relações, pois o cuidado deve se desenvolver em contextos sociais e é influenciado pelas interações humanas. Outro problema que podemos identificar nessa situação é sobre a fragilidade que perpassa algumas pessoas nesse ambiente de transparência. Se pensarmos nos jovens, como esse rapaz do exemplo, percebemos essa fragilidade. Como ele, muitos jovens sofrem por não saberem lidar com esse tipo de situação agressiva.

Na época, a cantora e mãe do adolescente, vítima dos ataques, se pronunciou sobre o caso dizendo que o filho esperava que as pessoas achassem vídeo engraçado, mas ao contrário e de forma brutal, atacaram o filho dela com comentários maldosos a deixando “acabada, desolada e sem chão”. Ela chama a atenção para os pais vigiarem seus filhos nas redes, e ainda afirma: “essa internet está doente”. Logo após o trágico incidente com seu filho, ela inicia uma campanha, para aprovação de um projeto de lei na Câmara dos Deputados que criminaliza atuações de *haters*⁸ para aqueles que praticam crimes de ódio em comentários nas redes sociais.

Figura 1 – Walkiria Santos em campanha para aprovação da Lei Lucas Santos.



Fonte: Redes Sociais

Outro caso semelhante ao de Lucas é o da jovem Jéssica Canedo, de 22 anos que se suicidou em dezembro de 2023 após sofrer uma forte onda de ataques e crimes com sua imagem. Criminosos usaram de má fé sua imagem para difamá-la através de informações falsas sobre um possível envolvimento da garota com o comediante Whindersson Nunes. Mesmo depois que as vítimas desmentiram as *Fake News* os criminosos continuaram com as difamações. A

⁸ termo usado para descrever pessoas que postam comentários negativos, críticos ou ofensivos sobre outras pessoas, conteúdos ou temas. Esses indivíduos frequentemente expressam desaprovação, desprezo ou raiva, muitas vezes de forma pública e anônima, em plataformas de redes sociais, fóruns, blogs e outros meios online.

família da jovem relatou que a garota não resistiu a depressão e a tanto ódio, acabou tirando sua própria vida. (Veja, 2024)

Figura 2 – Estudante Jéssica Canedo: tragédia, suicídio após ser alvo de campanha difamatória em redes sociais.



Fonte: Site Veja

A tragédia que ocorreu com os jovens Lucas Santos e Jéssica Canedo serve de alerta para percebermos que é necessária uma reflexão sobre as ações das pessoas no mundo virtual, pois, aparentemente, por não ser um contato direto nas relações interpessoais, parece que as pessoas estão esquecendo de refletirem sobre as consequências e a responsabilidade de seus atos. É nesse contexto que a Ética do Cuidado é essencial na sociedade contemporânea, onde enfatiza os princípios do cuidado, como atenção, a empatia e a responsabilidade nas relações interpessoais, reconhecendo que o bem-estar dos indivíduos está intrinsecamente ligado à qualidade dessas interações.

Outro exemplo é de um caso mais recente, novamente envolvendo destilação de ódio em comentários nas redes sociais. Caso esse, é o racismo que foi sofrido pela cantora Iza, que, após divulgar nas redes sociais o nascimento da sua filha Nala com o jogador de futebol Yuri Lima, sofreu ataques racistas por internautas que se acharam no direito de contestar sobre a recém nascida pelo fato da criança ser de cor mais clara que os pais. Nala, nasceu no dia 13 de outubro de 2024, e os pais publicaram uma foto da mão da recém-nascida, para homenagear a chegada da primogênita do casal. Em palavras, eles escreveram uma parte de uma música emocionante, que frequentemente é utilizada nas redes sociais para divulgar a chegada de bebês.

Esse caso é simplesmente um exemplo do total descuido para com os pais, principalmente com a mãe, que estava em momento de pós-parto, aparentemente muito feliz com a chegada da sua primogênita, também está em período do puerpério, no qual a mãe passa por mudanças hormonais que a deixa psicologicamente e fisicamente vulnerável a estresses. Até seu corpo voltar ao estado de pré-gestação. Ademais, nesse exemplo, a falta de responsabilidade com o bem-estar do outro é explícita, pois conforme a Ética do Cuidado, assumir a responsabilidade pelo bem-estar do outro é fundamental, isso envolve não apenas agir, mas também estar atento às necessidades e vulnerabilidades das pessoas ao nosso redor. Aqui também percebemos a falta de sensibilidade com

o outro, pois a capacidade de perceber e responder às emoções e situações dos outros é essencial.

Figura 3 – A filha de Iza é atacada nas redes sociais por causa do tom de pele.

Fonte: *Intagram*



O caso aqui de racismo sofrido por Iza após o nascimento de sua filha nos mostra como a falta dos princípios éticos ocasiona a experiência de discriminação e marginalização que afetam as relações interpessoais, tanto no âmbito pessoal quanto social. De acordo com o que vimos, a Ética do Cuidado traz a necessidade de analisarmos as situações antes de praticarmos nossas ações. Se nos casos mencionados, as pessoas que reagiram às publicações tivessem uma conduta moral baseada nos princípios dessa teoria ética, não teriam verbalizado o que verbalizaram, pois estariam preocupados e comprometidos em não atacar os outros.

No caso da Iza, o racismo que ela enfrenta pode afetar a sua capacidade de se sentir apoiada e cuidada na sociedade, afetando não apenas o seu próprio bem-estar, mas também a dinâmica de cuidado entre ela, sua filha e a comunidade. É importante ressaltar que a Ética do Cuidado propõe que a moralidade não se limita a princípios abstratos de justiça, mas também leva em consideração as necessidades concretas das pessoas em suas relações cotidianas, como o cuidado emocional, físico e psicológico. É importante reconhecer que o racismo que Iza enfrenta não é apenas um ato isolado de discriminação, mas parte de uma estrutura mais ampla de relações sociais que precisa ser transformada. Assim, essa abordagem centrada nas ações morais através do cuidado sugere que devemos dar atenção ao sofrimento e à vulnerabilidade dos outros, especialmente quando essas experiências são causadas por injustiças sociais como o racismo. Isso implica em um compromisso coletivo de promover condições sociais que favoreçam o cuidado mútuo e a construção de vínculos de confiança, respeito e solidariedade.

Além do mais, a relação entre Iza e sua filha também pode ser vista através da lente da Ética do Cuidado, considerando a forma como Iza, enquanto mãe, tenta cuidar de sua filha em um contexto social que pode ser hostil e discriminatório. Essa teoria valoriza não apenas a capacidade de cuidar, mas também o reconhecimento das condições que dificultam o cuidado, como a discriminação racial. Para que Iza possa efetivamente cuidar de sua filha, ela

precisa de um ambiente que reconheça e responda às suas necessidades, tanto como mulher quanto como mãe, em um sistema que muitas vezes negligencia essas realidades. Portanto, a Ética do Cuidado nos convida a pensar em como podemos transformar essas dinâmicas para que todos possam experimentar uma vida social mais plena e cuidadosa, sem as barreiras do racismo, da homofobia, dos discursos de ódio direcionados aos diferentes. É preciso que tenha espaço para a alteridade nas relações virtuais, sem que o outro, o diferente precise ser odiado e exterminado.

5 CONCLUSÃO

Esse estudo abordou os desafios morais da era digital e refletiu sobre a possibilidade da Ética do Cuidado como uma teoria capaz de fornecer elementos essenciais para as relações interpessoais no ambiente digital. Para tanto, focamos em alguns aspectos problemáticos do uso das redes sociais, destacando problemas como a exposição excessiva, as questões de privacidade, os efeitos do ponto de vista alheio, e a crise de identidade que são questões frequentemente enfrentadas pelos usuários do ambiente virtual.

O conteúdo dissertado traz a reflexão da importância do comportamento ético das relações interpessoais nas redes sociais. No panorama apresentado, percebe-se que a Ética do Cuidado se faz necessária na vida e nas relações dos indivíduos na internet.

Durante as interações nas redes sociais, em que envolve o digital e o não digital, a presença da empatia se torna de grande relevância, pois por meio das relações pautadas na responsabilidade para com o outro, a compaixão e a empatia, é possível formar vínculos importantes na vida das pessoas. Para que o cuidado mútuo e a afetividade ocorram nas relações digitais é preciso uma conscientização dos usuários, nisso se faz necessário uma reflexão prática, para pensar, aprender e agir de forma cuidadosa e respeitosa para com as necessidades emocionais e sociais dos indivíduos. Em vista disso, a Ética do Cuidado parece ser uma alternativa bastante plausível dentro do mundo relacional das redes sociais. Essa possibilidade se mostra viável pois, ao contrário das abordagens tradicionais que privilegiam a justiça e a utilidade (aspectos gerais e impessoais), a Ética do Cuidado enfatiza as questões relacionais que devem ser pautadas pela empatia, o respeito e a responsabilidade nas interações, colocando o bem-estar do outro no centro das relações. Conseqüentemente, ao considerarmos as redes sociais como um espaço de convivência humana, é imprescindível adotar uma postura ética que favoreça o cuidado mútuo, o respeito às vulnerabilidades e a preservação da dignidade dos indivíduos.

Observa-se, portanto, a necessidade da conscientização sobre a Ética do Cuidado para cultivar interações que priorizem o bem-estar e a dignidade dos indivíduos, evitando a disseminação de discursos de ódio e promovendo a solidariedade. Logo, a tragédia envolvendo Lucas Santos e Jéssica Canedo serve como um alerta para a sociedade sobre a necessidade de integrar o cuidado nas interações digitais, assegurando que as plataformas *online* sejam espaços que promovam a saúde mental e o bem-estar de todos, especialmente dos mais vulneráveis. Visto que as experiências psicológicas e emocionais vivenciadas nesses ambientes digitais serão carregadas por toda a vida social pessoal dos indivíduos, sendo elas positivas ou negativas.

Nesse sentido, poderiam ser implementadas campanhas com material informativo sobre a importância do cuidado nas interações sociais. Os locais de divulgação poderia ser as escolas, programas sociais e na política de uso das redes sociais, com o incentivo de criar um ambiente digital mais saudável e consciente, no qual as relações não sejam apenas mediadas por algoritmos, mas por valores humanos fundamentais.

Por fim, sobre o assunto abordado nessa pesquisa, buscou-se trazer uma perspectiva ética diferente das tradicionais para refletir sobre a problematização do mau uso das redes sociais. O principal intuito do trabalho foi colaborar para a reflexão das pessoas sobre o uso consciente das redes sociais e, conseqüentemente, contribuir para formação de cidadãos éticos responsáveis e, acima de tudo, cuidadosos com as relações interpessoais e que também produzam a auto sabedoria, para que, juntos, criem uma base sólida para o crescimento pessoal e a realização de uma vida mais equilibrada e satisfatória.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGRELA, Lucas. Taiwan Multará Pais Que Permitem Uso Prolongado de Eletrônicos Por Crianças. **Exame.com**, 2015. Disponível em: exame.com/tecnologia/lei-de-taiwan-multa-pais-que-permitem-uso-prolongado-de-smartphones-e-tablets-por-criancas/. Acesso em: 15 nov. 2024.

AHO, Kevin. Existentialism. **Stanford Encyclopedia of Philosophy**, Stanford University, 6, Janeiro, 2023. Disponível em: plato.stanford.edu/entries/existentialism/. Acesso em 14 out. 2024.

AMARAL, Rogério do. Exposição da vida privada em redes sociais: motivações e conseqüências, **Colloquium Humanarum**, vol. 12, p. 475-483. Presidente Prudente - SP. Outubro, 2015.

APÓS morte do filho, cantora Walkyria faz alerta: “vigiem a internet estádoente”; vídeo. **G1**, 2021. Disponível em: g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2021/08/03/apos-morte-do-filho-cantora-walkyria-faz-alerta-vigiem-a-internet-esta-doente-video.ghtml. Acesso em: 14 out. 2024.

BRASIL. Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014. Estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso de internet no Brasil. **Diário Oficial da União**: Seção 1, Brasília, DF, ano 151, n. 77, p. 1-10, 23 abr. 2014. PL 2126/2011.

BRASIL. Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018. Dispõe sobre a proteção de dados pessoais e altera a Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014. **Diário Oficial da União**: Seção 1, Brasília, DF, ano 155, n. 157, p. 1-12, 14 ago. 2018. PL 5276/2016.

COLLINS, Stephanie. Care Ethics: The Four Key Claims. **PhilArchive**, Oxford University Press, 2017. Disponível em: philarchive.org/rec/COLCET. Acesso em 10 out. 2024.

DESMURGET, Michel. **A fábrica de cretinos digitais: Os perigos das telas para nossas crianças**. Vestígio Editora, 2021.

EVELYN, Barreto. Um Olhar Para Dentro: Uso Desenfreado de Redes Sociais Afeta Saúde Mental E Desgasta Relações Fora Das Telas. **Secretaria Da Saúde Do Ceará**, 2023. Disponível em: www.saude.ce.gov.br/2023/01/27/um-olhar-para-dentro-uso-desenfreado-de-redes-sociais-afeta-saude-mental-e-desgasta-relacoes-fora-das-telas/. Acesso em: 17, setembro, 2024.

FILHA de Iza com Yuri lima é alvo de ataques na internet. **Correio Braziliense**, 2024. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/esportes/2024/10/6965167-filha-de-iza-com-yuri-lima-e-alvo-de-ataques-na-internet.html>. Acesso em: 5 nov. 2024.

GILLIGAN, Carol. **In a Different Voice: Psychological Theory and Women's Development**. Cambridge, Mass., London, England, 1982.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade Da Transparência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

HELD, Virginia. **The Ethics of Care: Personal, Political and Global**. Oxford University Press, 2006. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbnmnibpcajpcglclefindmkaj/https://voidnetwork.gr/wp-content/uploads/2016/10/The-Ethics-of-Care-Personal-Political-and-Global-by-Virginia-Held.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2024

HUPSEL FILHO, Valmar. Agora é Crime: Cyberbullying Alarma O Brasil, 2º País No Mundo Em Casos. **VEJA**, 19, janeiro, 2024. Disponível em: veja.abril.com.br/brasil/agora-e-crime-cyberbullying-alarma-o-brasil-2o-pais-no-mundo-em-casos. Acesso em: 15 nov. 2024.

JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e o inconsciente coletivo**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MARTINS, Fran Martins. ANUALMENTE, MAIS DE 700 MIL PESSOAS COMETEM SUICÍDIO, SEGUNDO OMS. **Ministério Da Saúde**, 16, setembro, 2022. Disponível em: www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/anualmente-mais-de-700-mil-pessoas-cometem-suicidio-segundo-oms. Acesso em: 29 out. 2024.

MOREIRA, Marília Diógenes. A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM CORPORAL NAS REDES SOCIAIS: PADRÕES DE BELEZA E DISCURSOS DE INFLUENCIADORES DIGITAIS. **PERcursos Linguísticos**. Vitória - ES, v.10,n. 25, 2020.

NASCIMENTO, Ana. CLASSES C E D IMPULSIONAM CRESCIMENTO DA CONECTIVIDADE À INTERNET NOS LARES BRASILEIROS, MOSTRA TIC

DOMICÍLIOS 2023. **CGI.br**, 2023. Disponível em: cgi.br/noticia/releases/classes-c-e-de-impulsionam-crescimento-da-conectividade-a-internet-nos-lares-brasileiros-mostra-tic-domicilios-2023/. Acesso em: 20 out. 2024.

OLIVEIRA, Kaynã de. USO EXCESSIVO DAS REDES SOCIAIS PODE LEVAR A UMA REALIDADE FICCIONAL. **Jornal Da USP**, 2021. Disponível em: jornal.usp.br/atualidades/uso-excessivo-das-redes-sociais-pode-levar-a-uma-elaboracao-ficcional-da-realidade/. Acesso em: 30 out. 2024.

PACETE, Luiz Gustavo. BRASIL É O TERCEIRO MAIOR CONSUMIDOR DE REDES SOCIAIS EM TODO O MUNDO. **Forbes Brasil**, 2023. Disponível em: forbes.com.br/forbes-tech/2023/03/brasil-e-o-terceiro-pais-que-mais-consome-redes-sociais-em-todo-o-mundo/. Acesso em: 15 set. 2024.

PAULA, Carlos Eduardo Silva de. **O impacto da tecnologia na sociedade atual: o aumento do uso de dispositivos tecnológicos por crianças e adolescentes**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso Superior de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas) - Faculdade de Tecnologia da Zona Sul "Dom Paulo Evaristo Arns", São Paulo, 2023.

PLATÃO. Apologia de Sócrates. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

APÓS morte do filho, cantora Walkyria faz alerta: “vigiem a internet estádoente”; vídeo. **G1**, 2021. Disponível em: g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2021/08/03/apos-morte-do-filho-cantora-walkyria-faz-alerta-vigiem-a-internet-esta-doente-video.ghtml. Acesso em: 14 out. 2024.

SILVA, Júlio. Casos de cyberbullying estão mais frequentes porque agressores sentem-se seguros no ambiente digital. **Jornal Da USP**, 2024. Disponível em: jornal.usp.br/radio-usp/casos-de-cyberbullying-estao-mais-frequentes-porque-agressores-sentem-se-seguros-no-ambiente-digital/. Acesso em: 20 out. 2024.

VILELA, Pedro Rafael. Governo define grupo sobre uso indevido de telas por crianças. **Agência Brasil**, 2024. Disponível em: agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-03/governo-define-grupo-sobre-uso-indevido-de-telas-por-criancas. Acesso em: 01 nov. 2024.

WE ARE SOCIAL. Digital 2024: 5 bilhões de usuários de redes sociais. Disponível em: <https://wearesocial.com/uk/blog/2024/01/digital-2024-5-billion-social-media-users/>. Acesso em: 18 nov. 2024.